

Paulo Providência

Prática da Arquitectura e  
Disposição Antropológica

topográficas, as formas de ocupação do solo e a organização social e cultural da comunidade, mas de uma espécie de turbilhão holístico de tudo isto, no qual ele próprio, como arquitecto, procura inscrever-se. Não são só as condições do contexto que moldam a arquitectura produzida, é a própria prática que, por um atributo essencial de coerência, tem de servir o contexto.

E se, como ele próprio reconhece, este desígnio último não foi muito bem sucedido, já as lições colhidas no rigor dos invernos transmontanos, no decurso cíclico dos rituais agrícolas, no calor humano da hospitalidade ou nos modos de ocupação e de construção ancestrais foram de uma importância crucial para o arquitecto.

Em Rio de Onor, há uma ponte que une e separa. Une pessoas, os seus bens e os seus artefactos, e separa países. É simultaneamente frágil, porque arcaica e exposta à intempérie, e forte, porque condensa em si toda a vida social da aldeia e veicula todos os cruzamentos possíveis. É construída para superar o caudal, mas é ela que dá sentido ao rio, que faz com que as margens se assumam como tal. Há uma dimensão do essencial na ponte de Rio de Onor, tal como Sergio Fernandez no-la apresenta, que contamina as casas da aldeia, as suas paredes e coberturas, os campos em redor, as eiras e os pátios.

Também no exercício do projecto, também na prática da arquitectura, essa dimensão do essencial tem obrigatoriamente de contaminar todo o processo e ser conduzida naturalmente para a obra. Ela existe numa e na outra margem, mas é necessária a ponte para a condensar. É necessária a ponte para evitar que se dilua em mil e uma conveniências de momento. Não se pode perder, não se pode esbater nas probabilidades do ocasional, do espúrio, do circunstancial. É sobre essa dimensão que se podem resolver todos os problemas do projecto, é sobre ela que se cruzam as condições e as complexidades do mundo com a arquitectura. É essa a lição de Rio de Onor. É essa uma das grandes lições de Sergio Fernandez.

Basta percorrer a obra que tem construído de então para cá, quer como arquitecto quer como pedagogo, para o perceber.

1 → Trabalho de levantamento das arquitecturas regionais levado a cabo por equipas de arquitectos e editado em: *Arquitectura Popular em Portugal*, Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, 2ª. Ed. (1ª. Ed. 1961)

2 → Cf. Manfredo Tafuri, "Per una critica dell'ideologia architettonica": *Contropiano*, 1 (Janeiro-Abril 1969); mais tarde reelaborado em Manfredo Tafuri, *Progetto e Utopia*, Bari, Laterza & Figli, 1973, tradução portuguesa, *Projecto e Utopia*, Lisboa, Editorial Presença, 1985.

3 → Manfredo Tafuri, *Projecto e Utopia*, p.92.

4 → Aldo van Eyck, "Between here and there, now and later": *Forum voor architectuur en daarmee verbonden kunsten*, 3, August 1960/61, apud, neste mesmo volume, Georges Teysot, "Aldo van Eyck and the Rise of an Ethnographic Paradigm during the 1960s".

5 → Bernard Rudofsky, *Architecture Without Architects. A Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture*, Londres, Academy Editions, 1981, 5ª. ed. [1ª. edição, 1964].

6 → *Arquitectura Popular em Portugal*, Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, 2ª. Ed. (1ª. Ed. 1961).

7 → Cf. neste mesmo volume, Sergio Fernandez, "Rio de Onor, 1963-1965": *Joelho*, 2, 2011, p.38.

Positividade, disposição e dispositivo

"A antropologia constitui talvez a filosofia fundamental que tem orientado e conduzido o pensamento filosófico desde Kant até hoje. Esta disposição é essencial, pois faz parte da nossa história;(...) A todos os que pretendem ainda falar do homem, do seu reino ou da sua libertação, (...) a todos os que não se propõem formalizar sem antropologizar, que não pretendem mitologizar sem desmistificar, que não querem pensar sem pensar logo que é o homem que pensa, a todas essas formas de reflexão canhestras e torcidas, não se pode senão opor um riso filosófico - quer dizer, em certa medida, silencioso." Assim, Foucault (2005) dirige a sua crítica à antropologia tal como se inicia no final do século XVIII, a ciência que se debruça sobre o homem, ou que procura definir o que é humano no homem (*Was ist der Mensch?*), o ser do homem (*Menschsein*), recusando qualquer teoria ou teologia da libertação; por outro lado, essa "antropologia" surge como *disposição* essencial do pensamento contemporâneo, ou, pelo menos, o que percorre o século XIX até hoje; e aqui *disposição* surge associada às *positividades* que percorrem *Les Mots et les Choses*; o que são, portanto, essas "disposições", essas "positividades" que condicionam o homem no pensar? Que *disposição* é essa instaurada com o aparecimento da Antropologia? É a esta questão que Agamben responde.

Agamben (2007) chama a atenção para a concatenação que se estabelece entre positividade e disposição ou dispositivo. Partindo da apropriação de positividade que vinha de Hegel através de Jean Hyppolite ("o elemento histórico com o seu peso de regras, ritos e instituições que são impostas ao indivíduo por um poder exterior, que são como que interiorizados pelo sistema de crenças e sentimentos") Foucault propõe-se inquirir "sobre os modos concretos pelos quais as positividades (ou os dispositivos) agem no interior das relações, nos mecanismos e jogos de poder." Claro que em Agamben, leitor assíduo e persistente de Walter Benjamin, converge uma reflexão sobre a natureza religiosa do político. E procurando a origem etimológica de dispositivo no termo latino *dispositio*, Agamben remonta o *dispositivo* de Foucault a uma herança teológica: "a fractura que separa e reúne em Deus o ser e a praxis, a natureza (ou essência) e a operação pela qual Ele administra e governa o mundo das criaturas. O termo dispositivo nomeia aquilo que, e através do qual, se realiza uma pura actividade